

A INFLUÊNCIA DO CÂMBIO NA COMPETITIVIDADE DA CADEIA TERMOPLÁSTICA NACIONAL

Exchange influence on competitiveness of the national thermoplastic chain

Paulo Henrique Schlickmann*

***Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Centro de Filosofia e Ciências Humanas**

Doutorando em Geografia / Programa de Pós-Graduação / Departamento de Geociências
R. Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/n – Campus Universitário – Trindade – Florianópolis, Santa Catarina,
Brasil – CEP1: 88010-970 – Telefone +55 (48) 3721-9286
phschlickmann@gmail.com

RESUMO

O complexo petroquímico termoplástico nacional tem como essência a heterogeneidade estrutural, juntamente com uma diversificada e múltipla articulação com diversas cadeias produtivas nacionais e internacionais. As empresas produtoras de plásticos estão distribuídas de forma desigual no território brasileiro; assim sendo, a conjuntura econômica afeta de forma bastante diferenciada os distintos elos e territórios que compõem o conjunto termoplástico. Geograficamente, as empresas localizadas no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul estão entre as mais competitivas do ramo e exercem grande pressão em nível nacional por políticas setoriais. Tendo isso em vista, o objetivo central deste artigo é verificar a influência da sobrevalorização cambial na competitividade da cadeia termoplástica nacional. Observa-se, de uma forma geral, que é praticamente impossível associar a sobrevalorização cambial com perda de competitividade, uma vez que, para os produtores de plástico, outros fatores influenciam mais diretamente nas suas dinâmicas, sobretudo a política de impostos, a burocracia e a infraestrutura.

Palavras-Chave: Complexo termoplástico. Heterogeneidade estrutural. Competitividade. Câmbio.

ABSTRACT

The national thermoplastic and petrochemical complex has structural heterogeneity as its essence along with diversified and multiple articulations with various international and domestic productive chains. Throughout the Brazilian territory, plastic manufacturers are unevenly distributed. Therefore, the economic situation affects quite differently chains and territories that comprise the thermoplastic set. Companies geographically located in Paraná, Santa Catarina and Rio Grande do Sul are among the most competitive ones and put considerable pressure on the national level for sectorial policies. Thus, the article's central aim is to investigate the overvalued exchange influence in competitiveness of the national thermoplastic chain. It is possible to observe, in a general way, that it is virtually impossible to associate exchange overvaluation with competitiveness loss because, for plastic producers, other factors influence more directly their dynamics, especially, tax policy, bureaucracy and infrastructure.

Key words: Complex thermoplastic. Structural heterogeneity. Competitive. Exchange.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a sobrevalorização cambial vem sendo tratada como a grande vilã da economia nacional, principalmente por causar efeitos devastadores nos diversos setores tradicionais da economia. Chama-se a atenção para este aspecto, o pioneirismo da geografia, com Mamigonian (2004), alertando para o papel crucial da sobrevalorização cambial na economia nacional, pouco considerado pelos economistas da época, que decidiram olhar para tal situação somente nos últimos

quatro anos. Recentemente, nos estudos organizados por Velloso (2013), a sobrevalorização cambial figura como um dos principais entraves para o desenvolvimento do país. Já no material organizado por Bacha e Bolle (2013), o futuro da indústria brasileira depende de políticas mais racionais em relação ao câmbio; porém, fatores como o estrangulamento das infraestruturas e a produtividade aparecem com mais relevo, além de questionarem a ligação direta entre câmbio sobrevalorizado e a baixa competitividade.

Do ponto de vista do Banco Nacional do Desenvolvimento, em livro organizado por Souza (2012), a influência negativa do câmbio sobrevalorizado na economia é praticamente nula nos setores nos quais o Brasil avança em produtividade e competitividade. Por outro lado, é devastador na indústria de papel e celulose. Setorialmente, de acordo com Squeff e Araújo (2013), a desvalorização cambial não bastaria para promover efeitos competitivos na indústria nacional. Nesse sentido, o único consenso nos estudos analisados é que há uma sobrevalorização cambial em voga no país, quando em novembro de 2014 circulava na faixa de R\$ 2,30 por US\$ 1,00. O que não está estabelecido consensualmente é em que medida, considerando a diversidade da economia brasileira, esse fenômeno macroeconômico pode ser negativo ou positivo.

Tendo isso em vista, o objetivo central deste estudo é verificar os efeitos da sobrevalorização cambial para a cadeia termoplástica nacional. Para tal, o artigo será baseado nos dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) e pela plataforma ALICEWEB, disponibilizados pela Associação Brasileira da Indústria do Plástico (ABIPLAST, 2014a). Inicialmente, no artigo consta este item introdutório; na sequência há outras três seções. Uma que demonstra a complexidade e a heterogeneidade da cadeia termoplástica nacional no tempo e no território. Outra que relativiza o papel do câmbio para a cadeia, considerando os dados levantados. E, por fim, a última seção apresenta as considerações finais.

Trata-se de um estudo exploratório, histórico/geográfico e bibliográfico, uma vez que se busca comparar os dados levantados, com bibliografias disponíveis, vislumbrando desvendar uma cadeia produtiva heterogênea consolidada de forma desigual e “mal combinada” no território nacional. O presente artigo foi desenvolvido a partir da elaboração do projeto de qualificação de tese que será apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

2 A HETEROGENEIDADE E A COMPLEXIDADE DA CADEIA TERMOPLÁSTICA NO TEMPO E NO TERRITÓRIO

Nos anos entre 1950 e 1970, surgia principalmente nas áreas das formações econômicas e sociais de pequena produção mercantil brasileira, uma vasta e diversificada gama de indústrias termoplásticas. Essa indústria nascente já era fruto de um Brasil em processo de urbanização que demandava produtos de maior qualidade e que tendia a não mais produzir para o autoconsumo. Esse foi o caso originário das empresas Tigre, que iniciaram suas atividades pela produção de pentes para cabelo, feitos de resinas naturais dos chifres de bois. Ou das empresas Zanata, que proporcionaram, iniciando suas atividades no Sul de Santa Catarina, a substituição de embalagens de papel por embalagens plásticas flexíveis e funcionais. Ou, por fim, dos produtores de sandálias infantis com reciclagens de embalagens de fertilizantes, como a Incoplast.

Em Novo Hamburgo e Caxias do Sul, destacam-se os produtores de mangueiras e artefatos para a construção civil e agricultura; também os fornecedores para a indústria automotiva nascente da região. Além disso, há a presença do Paraná que, lentamente, estabeleceu suas empresas de embalagens para empacotamento de produtos agrícolas. Portanto, havia na época uma demanda regional elástica por produtos funcionais, somada a uma dinâmica interna nas áreas de pequena produção e uma tendência mundial para a solidificação e ampliação da era dos derivados petroquímicos termoplásticos. Daí, então, um dos impulsos para essa indústria termoplástica regional/nacional nascente, sobretudo no Sul do país.

Por outro lado, a partir do surgimento das indústrias montadoras de automóveis que se localizaram no eixo industrial paulista, outras safras de indústrias termoplásticas surgiram. Como é o caso, por exemplo, das indústrias fornecedoras de autopeças de plástico situadas nas cidades do ABC. Também em São Paulo estabeleceram-se indústrias de materiais plásticos para a construção civil, que mais tarde foram superadas concorrencialmente pela Tigre. Além de algumas empresas de embalagens e sacolas rígidas ou flexíveis, todas embaladas pelo crescimento urbano, pela funcionalização do consumo e pelo aumento da acumulação de capital nas esferas da indústria nacional em pleno desenvolvimento.

Os anos que se sucederam foram de plena ampliação no território de atuação dessas empresas. Praticamente foram os polos do ABC paulista, do Sul e do Nordeste de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul e do Paraná que se tornaram os produtores nacionais de produtos plásticos em seus respectivos produtos especializados. O Sul e o Nordeste de Santa Catarina, nos descartáveis, embalagens flexíveis e tubos e conexões. O Rio Grande do Sul, em peças componentes para equipamentos da agricultura, bem como para veículos pesados. Já, o Paraná ampliou sua atuação nas embalagens rígidas e flexíveis para alimentos e produtos agrícolas, e o ABC paulista nas autopeças. Em todos esses polos, sem exceção, consolidou-se uma gama complexa de produtores de bens e equipamentos, fornecedores de insumos, maquinaria e automação, prestadores de serviços, transportadoras e diversos centros de apoios institucionais, ligados à indústria termoplástica (SCHLICKMANN, 2012).

Nos anos 1990 e 2000, houve uma aceleração no que se costuma chamar de “efeito substitutivo” nas indústrias e no consumo em geral. Ou seja, no ramo das embalagens, os vidros e latas tornaram-se obsoletos em razão do uso do plástico. Nos automóveis, os carros modernos chegam a 150 kg de plástico na sua composição, ou seja, 15% do seu peso total, e a perspectiva é que esse índice se amplie (PLASTICS EUROPE, 2013); o mesmo acontece na produção de aviões. Nos encanamentos da construção civil e do saneamento básico, o metal e o concreto estão praticamente descartados pela funcionalidade do plástico. No ramo medicinal e farmacêutico, os avanços caminham na mesma direção, pois, se em 1980 apenas as seringas eram de plástico (ABIPLAST, 2014ab), atualmente o coração mecânico de acrílico e as artérias capilares são desenvolvidas por empresas termoplásticas de São Paulo.

No Brasil, esse amplo fenômeno histórico descrito resultou no desenvolvimento de mais de 11.670 empresas transformadoras, das quais apenas 66 são grandes empresas, 682, médias, 2.722, pequenas, e 8.200, microempresas, de acordo com a classificação da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) (ABIPLASIT, 2014a). A média geral é de trinta empregados por empresa termoplástica. Destas, aproximadamente 71,5% delas, e 70,2% dos empregados estão em São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná, como os estados mais produtores, respectivamente. Nesse conjunto, notavelmente, estabelece-se uma realidade reconhecida por heterogeneidade estrutural da indústria (PINTO, 2000), quando empresas altamente competitivas de vanguarda tecnológica estão dividindo mercado com empresas da retaguarda técnica da produção (RANGEL, 1982).

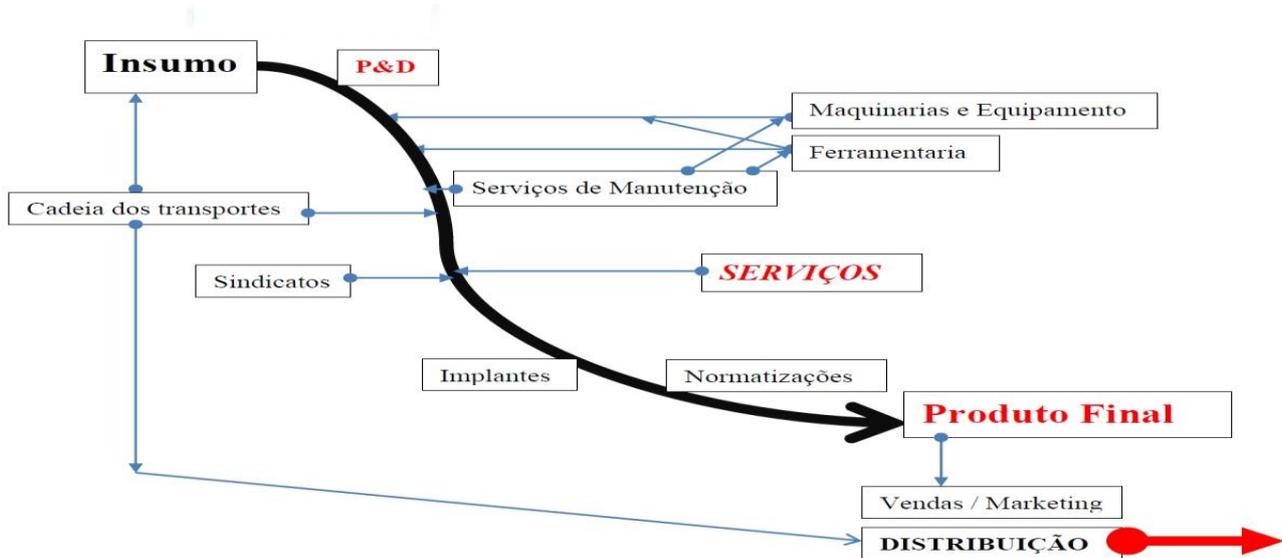
No ramo termoplástico, em fases de expansão do mercado, aquelas da retaguarda tecnológica sobrevivem; já, em fases de crise, reestruturam-se, entram em falências ou são adquiridas. Enquanto as empresas de vanguarda permanecem relativamente competitivas tanto nas fases favoráveis como desfavoráveis, com variações nos faturamentos, mas com produtividade média elevada em todos os períodos. Sendo assim, é possível identificar, no ramo termoplástico, que as empresas de vanguarda são as grandes e médias¹, que empregam cem ou mais funcionários, num total de 748 empresas; e as de retaguarda empregam entre um e 99 funcionários chegando a 10.922 empresas.

Esses números levam a crer que o universo industrial termoplástico nacional sofre na média geral com a baixa produtividade, com ineficiência competitiva e com alto risco de profundas reestruturações, seja em fases positivas, seja em negativas. Além de grande massa destas empresas

se restringirem a um reduzido mercado local/regional, dada sua frágil estrutura comercial. Enquanto isso, as grandes empresas englobam o grosso do mercado consumidor nacional², como, por exemplo, os casos da Tigre e da Amanco, da Copobras e Zanata, da Dixie Toga, entre outras empresas, e aparecem como expoentes exportadores.

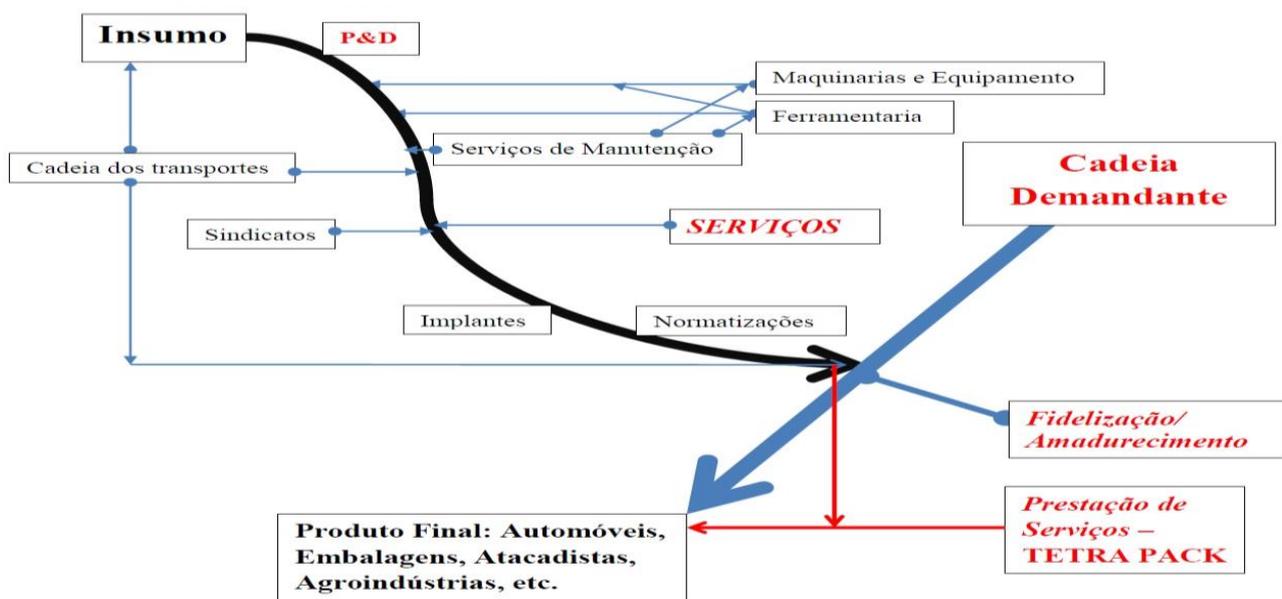
Além da heterogeneidade estrutural da indústria termoplástica nacional, é possível identificar a complexidade que envolve a cadeia termoplástica na sua totalidade. Isso porque, além do fluxo insumo/produto que naturalmente envolve qualquer processo industrial, é possível verificar um cabedal de atividades, serviços, setores e ramos que influenciam direta ou indiretamente na competitividade da produção do plástico. Essa estrutura, agregada e catalisada em torno do produto plástico, necessariamente contribuiu para o sucesso ou fracasso dessa indústria. Nesse sentido, convida-se a observar os fluxogramas 1 e 2, chamando a atenção para sua complexidade.

Fluxograma 1 – Complexo termoplástico – insumo/produto – mercado consumidor



Fonte: Schlickmann (2012)

Fluxograma 2 – Complexo termoplástico – insumo/produto – intersetorial



Fonte: Schlickmann (2012)

Nota-se nos fluxogramas 1 e 2 que as setas escuras centrais representam o principal fluxo insumo/produto, que na trajetória vai sendo mediado e influenciado por uma gama de atividades, serviços e ramos distintos. Nesse sentido, chama-se a atenção, por exemplo, para o caráter crucial do setor de serviços, hoje influenciando diretamente na produção. É comum, na indústria termoplástica, o atraso na entrega por falta da prestação de serviço competitivo. Como são comuns também, especialmente nas grandes empresas, os serviços de manutenção de máquinas e equipamentos serem mais pontuais, o que garante vantagem da grande sobre a pequena empresa. Isso usualmente ocorre no setor de transportes, logísticas e distribuição, quando as empresas líderes contratam transportadoras mais eficientes, que obedecem a prazos, trabalham com maior segurança e influenciam na entrega competitiva ao cliente final.

Para o caso do fluxograma 2, cuja influência competitiva está nos amadurecimentos dos laços intersetoriais e interempresarial, somada à fidelização e à articulação com a cadeia demandante, é comum perceber a própria empresa termoplástica prestando serviço para a empresa demandante. Esse é o caso de algumas empresas de embalagens que, além da embalagem, fornecem as máquinas e vendem a manutenção para os clientes. Esse processo caracteriza uma dupla competitividade, já que a empresa termoplástica influenciará no desempenho da demandante, justamente nos serviços prestados. Desse modo, salienta-se para o processo de articulação entre o setor de serviços e o setor industrial, que se fundem, tornando turva a separação e pondo em dúvida, portanto, os dados divididos por setores primários, secundários e terciários.

Diante dessa complexidade de atividades e ramos envolvidos na cadeia produtiva, ressalta-se o processo de integração seletiva que envolve o complexo. A integração seletiva nada mais é do que a seletividade imposta pelos elos mais competitivos da cadeia, ao optar por seus articulados. Essa integração seletiva afeta a competitividade em dois aspectos cruciais, um na medida em que força a competição pela integração, principalmente em cadeias robustas, como a de autopeças e, outra, porque as menores empresas têm menos capacidades de escolha seletiva, restando para si os piores agregados. Ou seja, mais uma vantagem competitiva favorável ao grande produtor e líder da cadeia.

3 O PAPEL DO CÂMBIO NA CADEIA TERMOPLÁSTICA BRASILEIRA

A questão inicial deste terceiro bloco é a seguinte: em que medida a heterogeneidade estrutural e a complexidade da cadeia termoplástica afetam a competitividade desta indústria em nível nacional? Como foi apresentado anteriormente, considerando o universo das empresas termoplásticas do Brasil, seriam percebidas pequenas empresas, mais preocupadas com mercados regionais, agregando baixíssimo valor ao produto final. Normalmente, os produtores de plástico são apresentados como subordinados à cadeia ou simplesmente receptores de inovação e do processo geral.

Entretanto, nos estudos apresentados pela Comissão Econômica pela América Latina e Caribe (CEPAL) por Squeff e Araújo (2013), o ramo é localizado entre aqueles de produtividade intermediária, são relativamente inovadores e influentes no conjunto produtivo que movimentam. Por conseguinte, é comum não se observar o conjunto total, nivelar a análise pela média geral e desconsiderar a diferença entre empresas competitivas e empresas retardatárias, imitadoras ou marginais (SCHLICKMANN, 2012). Nesse contexto, portanto, é que se deve observar a influência do câmbio, tendo como pano de fundo a heterogeneidade e a complexidade da cadeia produtiva.

De maneira geral, é importante destacar que, nos setores industriais menos competitivos, como, por exemplo, nos de calçados³, têxteis, couros e vestuário, o câmbio adentra como grande parasita do complexo. Isso porque se trata de produtos acabados, com baixo valor agregado, com padrões bem definidos, cuja competição ocorre via preço, daí a enxurrada de importados chineses, taiwaneses e indianos. Como os termoplásticos estão em setor intermediário, que movimenta e é movimentado por outros complexos produtivos, que exige integração robusta vertical e horizontal,

fidelização e flexibilização no produto final, dificilmente os chineses estarão capacitados a fornecer maciçamente ao país.

Prova disso são as embalagens flexíveis, os laminados, os filmes e os envelopes, altamente qualificados, com informações específicas, que o produtor do oriente não consegue ofertar, pois não estabelece relações fidelizadas com a cadeia demandante. No caso dos descartáveis, o problema é o baixíssimo valor do produto e seu altíssimo volume, o que torna oneroso o transporte marítimo China–Brasil (SCHLICKMANN, 2012). Outro fator que isenta o setor são as rígidas normatizações aos produtores nacionais, que são fiscalizadas e impostas pelo Instituto de Metrologia do Brasil (INMETRO). Dos 66 produtores de descartáveis do Sul de Santa Catarina, que produzem 80% do descartável consumido no Brasil, apenas quatro estão dentro da norma, os demais correm na ilegalidade. No caso dos tubos e conexões, as normas são postas em níveis regionais. Para cada país e para cada função na construção civil, o tubo é fabricado com uma especificação e uma cor. Isso inviabiliza qualquer país a se adaptar às normas regionais estabelecidas na América Latina, mercado cativo da Tigre e da Mexichem.

O grande problema para a indústria termoplástica nacional e que está relacionado diretamente ao câmbio, mas muito mais atrelado ao aumento do consumo interno e à elasticidade da demanda por produtos importados percebida nos últimos anos, é o caso da importação de produtos acabados e já embalados. Percebe-se isso nas gôndolas dos supermercados no que se refere às conservas, compotas, alimentos a vácuo, bebidas e carnes exóticas. Também nas embalagens de produtos industriais importados que poderiam ser produzidos internamente. Trata-se, porém, de uma reação encadeada não radical, especificamente localizada na cadeia produtiva, mas que é capaz de influenciar na menor competitividade dos produtores de plástico.

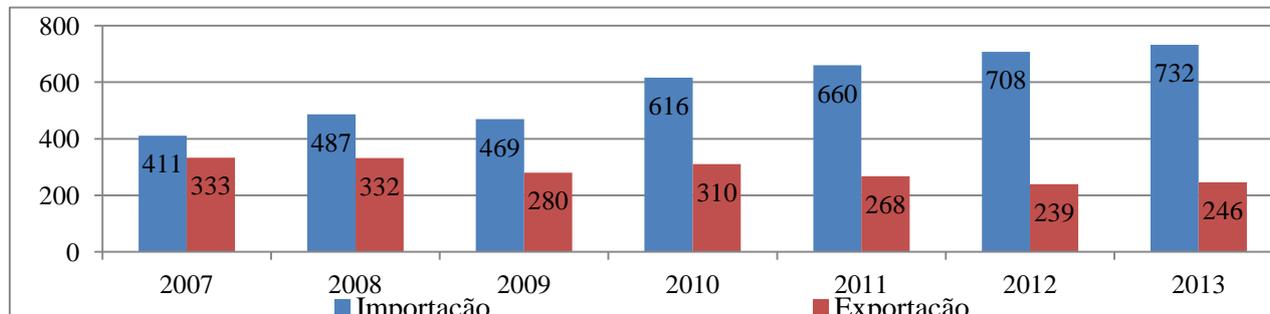
Diga-se isso, porque, de acordo com dados do IBGE e da plataforma AliceWeb, disponibilizado pelo estudo da ABIPLAST (2014b), o consumo de plástico vem crescendo nos últimos anos, sendo esse aumento, de 2012 para 2013, de 7,6%. Ao passo que o faturamento das empresas cresceu 7,1% e a produção em valor subiu 6,8%, isso representa ampliação da competitividade nacional, agregação de valor e inovação, por vez que o aumento no peso total de plástico produzido foi de apenas 0,14% no mesmo ano⁴. Sendo assim, é possível contrariar os estudos elaborados a respeito da desindustrialização no Brasil, sobretudo no complexo termoplástico, se for se basear pura e simplesmente na balança comercial. Esse foi o caso dos Estudos do Núcleo de Estudos de Economia Catarinense (NECAT) e de outros estudos questionados pelos materiais organizados por Bacha e Bolle (2013).

A princípio entrou em voga, no debate sobre a indústria brasileira, o processo de desindustrialização e reprimarização, tendo muitas dessas conclusões sido retiradas única e exclusivamente dos dados do déficit da balança comercial e do aumento de exportações de commodities⁵. Sendo assim, três questões fundamentais são normalmente negligenciadas. Primeiro, se há estímulo via lucro para as exportações de commodities, o capital tende a investir e estimular essas atividades, que hoje são complexas, movem robustas e dinâmicas cadeias de produção e serviços, e estão consolidadas com fortes barreiras contra novos entrantes – o que representa competitividade (ESPÍNDOLA, 2013). Segundo, que o déficit pode representar a elasticidade do mercado interno, a assimilação tecnológica e a modernização do país, especialmente na consolidação de empresas líderes inovadoras exportadoras de maior intensidade tecnológica, e a eliminação de retardatários não competitivos (RUIZ, 2011). Terceiro, que a participação percentual da indústria no PIB total não cai somente no Brasil e sim no mundo inteiro, soma-se a isso o ganho percentual do setor de serviços, hoje desatrelado da indústria. Trata-se então de se fazer a crítica à leitura dos horrores que se faz em torno da economia brasileira.

Na indústria termoplástica, a balança comercial nacional é tradicionalmente deficitária (Gráfico 1); atualmente é mais influenciada pela queda na indústria de brinquedos e pela expansão da demanda interna (+7,6%) que é abastecida por importados. Destaca-se que o ritmo no consumo de plástico foi mais acelerado que o peso total de plástico produzido pela indústria (+0,14%), sendo

menor o intervalo, quando se trata do valor total da produção em R\$ (+6,8%). Ademais, não houve corrosão da estrutura produtiva, queda da lucratividade ou diminuição do valor, por causa das importações. Em valores, elas subiram 7,1%, enquanto as exportações subiram 4,1% (ABIPLAST, 2014b).

Gráfico 1 – Importações e exportações de transformados plásticos 2007 – 2013 em mil toneladas



Fonte: Brasil. Sistema Alice Web – MDIC (2014)

Por consequência, é difícil relacionar diretamente desindustrialização, déficit da balança comercial e política cambial, principalmente pela carga de fatores competitivos e concorrenciais que envolvem o complexo produtivo termoplástico em nível regional, nacional e internacional. Prova disso são as posições das entidades de classe, como do Sindicato das Indústrias Plásticas de São Paulo (Sindiplast/SP⁶), que, nas suas manifestações, solicitam menos burocracia, diminuição de custos, mais infraestrutura, menor carga de impostos, mais incentivo aos investimentos, enquanto o câmbio sempre figura em posições secundárias ou subalternas.

A posição dos sindicatos das indústrias de material plástico do Sul do Brasil (SIMPLAST – RS⁷; SIMPESC – SC⁸; SIMPEP – PR⁹) evidencia para o falso problema do câmbio na contenção da inflação. Igualmente, contesta-se a carga tributária e a carência de infraestruturas básicas. Assim como garante que o verdadeiro problema do setor termoplástico é o efeito monopólico na venda de resinas no Brasil, somadas as medidas antidumping para importação, que favorecem a monopolização pela Braskem.

Nessa direção, para fugir dos efeitos corrosivos do monopólio, as empresas termoplásticas optam pela importação de resinas. Para tal, a sobrevalorização do real, em vez de negativa, é positiva para a aquisição de matéria-prima barata. Desse modo, o país importa resina *commoditie* (PVC, PP e PE), agrega valor e estimula o faturamento das empresas. Comprova-se, com os dados apresentados no Quadro 1, tamanha importação de resinas do Brasil, com saldos amplamente negativos. Para tal situação poderia argumentar-se que o câmbio está em padrão ótimo ou ainda desvalorizado, em vez de sobrevalorizado.

Quadro 1 – Mercado de resinas no Brasil – Importação e Exportação/Toneladas e US\$ – 2010/2013

Ano	Exportação		Importação		Saldo	
	Mil T.	US\$ – Milhões	Mil T.	US\$ – Milhões	Mil T.	US\$ – Milhões
2010	1.255,1	1.763,1	1.452,6	1.991,8	- 197,5	- 228,7
2011	1.433,2	2.308,2	1.771,3	2.798,9	- 338,1	- 490,7
2012	1.419,3	2.122,3	1.500,2	2.221,4	- 80,9	- 99,1
2013	1.223,5	1.961,4	1.817,1	2.756,0	- 593,6	- 794,6

Fonte: Abiplast (2014b)

É nessa toada que parece curiosa a participação da Braskem na formulação do Programa de Incentivo da Cadeia do Plástico (PIC)¹⁰, cujo objetivo é ampliar a competitividade da indústria termoplástica brasileira, incentivando as exportações, formalizando parcerias com o Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES) e criando o Fundo Setorial para Imagem do Plástico. Nota-se nenhuma manifestação acerca do câmbio, seja valorizado, seja desvalorizado, em relação ao dólar.

Destaca-se que referida situação monopólica da comercialização de resinas termoplásticas já foi tratada em Schlickmann (2014) e em Schlickmann (2015), no sentido de se estar consolidando no Brasil um forte player importador/exportador de resinas termoplásticas populares, justamente com a Braskem atuando como uma das maiores importadoras de resina do país. Sendo assim, trata-se de monopólica na produção e com esforço monopólico para a comercialização de resinas para a América Latina. Portanto, a sobrevalorização cambial pouco influencia nessa estrutura produtiva e comercial; contudo, é a monopolização que deve ser considerada como o principal start da reestruturação do heterogêneo complexo produtivo termoplástico nacional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendia-se inicialmente, neste artigo, verificar se a sobrevalorização cambial em voga no país influencia na competitividade do complexo produtivo termoplástico nacional. A princípio apresentou-se o quanto as indústrias produtoras de plástico do Brasil são heterogêneas e que, em um universo gigantesco, poucas são as empresas líderes em inovações. Em contrapartida, há uma grande maioria de indústrias com uma pequena estrutura e baixa competitividade, voltada para mercados regionais ou marginais. Articulada a essa realidade, chamou-se atenção para a complexidade das cadeias produtivas do plástico, que, de um fluxo insumo produto consolidado, se agregam inúmeras outras atividades produtivas e de serviços, cuja qualidade da integração afeta diretamente a competitividade da indústria motriz.

Por fim, questionaram-se as leituras da desindustrialização que alegam a dissolução da estrutura industrial do país, tendo como única variante o déficit da balança comercial e a queda da participação do setor industrial no PIB. Além disso, apresentaram-se dados comprovando que não houve perda de dinamicidade no complexo termoplástico nos últimos anos, mesmo com aumento das importações. Pelo contrário, houve agregação de valor, pois o peso total produzido cresceu menos que o faturamento e o total da produção em valor (R\$). Nessa perspectiva, não foi possível atrelar a sobrevalorização cambial com a perda de competitividade ou com a desindustrialização.

No entanto, verificou-se que o principal afetante da competitividade das empresas termoplásticas na atualidade é o efeito monopólico nos preços das resinas. Essa alegação carregaria consigo a necessidade de uma maior valorização do real perante o dólar, no sentido de baratear as importações de resinas termoplásticas populares de baixo valor, para transformá-las internamente em produtos plásticos finais com maior valor agregado. Por isso, em um aspecto geral, é importante verificar os efeitos dessas políticas conjunturais no complexo produtivo total, pois, no mesmo complexo termoplástico, a política cambial pode provocar distintos efeitos nos diferentes elos de produção e comercialização. Está aí a necessidade de se pensar o conjunto, para não se comprometer as especificidades que compõem o todo.

NOTAS

¹ É comum, no entanto, observar médias empresas com nível tecnológico bem retardatário.

² Para ilustrar, chama-se a atenção para os descartáveis, que, em um total de 66 empresas do Sul de Santa Catarina que abastecem 80% do mercado nacional, apenas três são responsáveis por 70% desse total.

³ Há uma boa ressalva no setor dos calçados, apresentado por Rosa (2013), que questiona parte da indústria calçadista brasileira que não sofre com as importações ou com a sobrevalorização cambial.

⁴ É importante verificar o estudo disponibilizado pela Associação Brasileira dos Produtores de Plástico (ABIPLAST), que anualmente disponibiliza o Perfil da Indústria Plástica no Brasil. Verifica-se, anualmente, o crescimento dos valores e a dinâmica do complexo termoplástico brasileiro.

⁵ No que diz respeito às commodities, é mito que elas adicionam pouco valor ao produto final, pois o Valor da Transformação Industrial por trabalhador é de R\$ 507,48 para o minério de ferro, enquanto na fabricação de equipamentos de informática é de R\$ 238,41. É mito que elas incorporam pouca tecnologia, uma vez que a Produtividade Total de Fatores da Agricultura Brasileira saltou dos 100, em 1975, para 363, em 2011; também o PTF/agricultura de 2000 – 2008 cresceu na ordem de 3,63% no Brasil, enquanto na Ásia foi de 1,7%, Europa 0,87% e Estados Unidos 0,33%. É mito que haja doença holandesa no Brasil, pois a produção de commodities envolve cadeias industrializadas complexas, que investem em pesquisa e inovações (LAZZARINI; JANK; INOUE, 2013).

⁶ Disponível em: <<http://www.sindiplast.org.br/>>. Acesso em: 28 out. de 2014.

⁷ Disponível em: <<http://www.sinplast.org.br/2014/10/16/representante-do-sinplast-participa-do-iv-seminario-de-competitividade-da-abiplast/>>. Acesso em: 28 out. de 2014.

⁸ Disponível em: <<http://www.simpesc.org.br/2014/09/%EF%BB%BFgovernantes-o-que-esperar-por-marco-antonio-corsini/>>. Acesso em: 28 out. de 2014.

⁹ Disponível em: <<http://simpep.com.br/wp/2014/10/abiplast-faz-evento-para-discutir-competitividade/>>. Acesso em: 28 out. de 2014.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.braskem.com.br/site.aspx/Braskem-News-Detalhe/Fortalecendo-a-cadeia-do-plastico>>. Acesso em: 28 out. de 2014.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento da pesquisa de doutorado, que possibilita o desenvolvimento do artigo.

REFERÊNCIAS

ABIPLAST. **Perfil 2013**: Indústria brasileira de transformação de material plástico. São Paulo: Abiplast, 2014a.

ABIPLAST. **Análise da balança comercial**: Principais matérias-primas. São Paulo: Abiplast, 2014b.

BACHA, E.; BOLLE, M. B. de. **O futuro da indústria no Brasil**: Desindustrialização em debate. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

ESPÍNDOLA, C. J. Notas sobre as recentes exportações brasileiras de commodities agropecuárias. **Revista Princípios**: Disponível em: <<http://www.revistapricípios.com.br>> Acesso em: 05 maio de 2013.

LAZZARINI, S. G.; JANK, M. S.; INOUE, C. F. K. Commodities no Brasil: Maldição ou benção? In: BACHA, E.; BOLLE, M. B. de. (Org.) **O futuro da indústria no Brasil: Desindustrialização em debate**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. p. 201 – 225.

MAMIGONIAN, A. **Estudos de geografia econômica e de pensamento geográfico**. 2004. 383 f. Tese de Livre Docência. Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, Departamento de Geografia. São Paulo, 2004.

BRASIL. Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior (Alice Web). Disponível em: <<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br/>>. Acesso em: 20 dez. 2014.

PINTO, A. Natureza e implicações da heterogeneidade estrutural da América Latina. In: BIELSCHOWSKY, R. (Org.). **Cinquenta anos de pensamento da Cepal**. v. 2. Rio de Janeiro: Record, 2000. P. 567 – 587.

PLASTICS EUROPE. Automotive: The World moves with plastics – In: **Plastics: The material for the 21st Century**. Plastics Europe, 2013.

RANGEL, I. **Ciclo tecnologia e crescimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

ROSA, H. R. da. Notas preliminares sobre a indústria calçadista brasileira: Reestruturação industrial pós-década de 1990. **Revista Cadernau**, Rio Grande, v. 6, n. 1, 2013. p. 101 – 111.

RUIZ, R. M. **Inovação e estratégias de acumulação de conhecimento na indústria brasileira**. Brasília: CEPAL/IPEA, 2011. (Texto para discussão CEPAL/IPEA, n. 39).

SCHLICKMANN, P. H. **Estudo geográfico das indústrias de plástico de São Ludgero – SC**. 2012. 275 f. Dissertação de Mestrado. Departamento de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Geografia. Florianópolis, 2012.

_____. **O processo recente de internacionalização do complexo petroquímico termoplástico nacional**. In: Anais do VI CIETA: São Paulo, 2014. p. 1901 – 1917.

_____. A produção de produtos plásticos no Brasil: uma perspectiva histórica e geoeconômica. **Estudos Geográficos**: Rio Claro, n.13, v.2, p. 57 - 76, 2015.

SOUZA, F. L. de. (Org.). **BNDES 60 anos: Perspectivas setoriais**. v.1. Rio de Janeiro: BNDES, 2012.

SQUEFF, G. C.; ARAÚJO, V. L. de. **Trajatória da taxa de câmbio e heterogeneidade estrutural na indústria brasileira**. Brasília: CEPAL / IPEA, 2013. (Texto para discussão CEPAL – IPEA, nº50).

VELLOSO, J. P. dos R. (Coord.). **Rumo ao Brasil desenvolvido (Em duas, três décadas)**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

Data de submissão: 06.11.2014

Data de aceite: 04.05.2016

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.